

# VOZES EM RESISTÊNCIA: COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA E A TOMADA DA PALAVRA NO PROJETO BLOGUEIRAS NEGRAS

*VOICES IN RESISTANCE: ANTIRACIST COMMUNICATION AND THE TAKING OF THE FLOOR ON THE BLOGUEIRAS NEGRAS PROJECT*

ALICE OLIVEIRA DE ANDRADE<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo aborda a comunicação antirracista como uma ferramenta de empoderamento e ruptura de silêncios, com foco empírico no portal Blogueiras Negras. Historicamente, as mulheres negras têm enfrentado violências interseccionais, especialmente de gênero e raça, cujas raízes perpassam estereótipos e silenciamentos que desumanizam suas experiências e identidades. O Blogueiras Negras surge como um espaço de resistência e autoafirmação, permitindo que mulheres negras compartilhem suas histórias e reivindiquem o direito à palavra que lhes foi negado em tantos contextos. O projeto promove uma rede de solidariedade entre suas autoras, estimulando a troca de experiências e a expressão de suas subjetividades. Balizada pelo feminismo negro e pelo aquilombamento, a comunicação antirracista praticada nesse ambiente é essencial para a reescrita de narrativas hegemônicas, oferecendo um espaço seguro para a fala, a escrita, expressão e a reflexão crítica. Por propiciar visibilidade a vozes historicamente silenciadas, o Blogueiras Negras contribui para a caminhada rumo à igualdade de gênero e raça. Como referências centrais da discussão, trazemos Lélia González (1984; 2018), bell hooks (2023), Grada Kilomba (2019), Patricia Hill Collins (2019), Joice Berth (2018) e Audre Lorde (2020). A partir do percurso metodológico da pesquisa bibliográfica aliada ao estudo de caso, o texto analisa a importância desse projeto na formação de uma cultura comunicativa que combate opressões interseccionais, na qual as mulheres negras falam, são ouvidas e se tornam protagonistas de suas próprias histórias, desafiando as estruturas sociais que historicamente as silenciaram.

**Palavras-chave:** comunicação antirracista; mulheres negras; feminismo negro; resistência; Blogueiras Negras.

## ABSTRACT

*The article discusses antiracist communication as a tool for empowerment and the breaking of silences, with an empirical focus on the Blogueiras Negras platform. Historically, black women have faced intersectional violence, particularly related to gender and race, with roots in stereotypes and mechanisms of silencing that dehumanize their experiences and identities. Blogueiras Negras emerges as a space of resistance and self-affirmation, enabling Black women to share their stories and claim the right to speak, which has often been denied to them. The project fosters a solidarity network among its contributors, encouraging the exchange of experiences and the expression of their subjectivities. Guided by black feminism and aquilombamento, the antiracist communication practiced in this space is essential for rewriting hegemonic narratives, offering a safe space for speech, writing, expression and critical reflection. By providing visibility to historically silenced voices, Blogueiras Negras contributes to the struggle for gender and racial equality. Key references in the discussion include Lélia González (1984; 2018), bell hooks (2023), Grada Kilomba (2019), Patricia Hill Collins (2019), Joice Berth (2018), and Audre Lorde (2020). Through a methodological approach combining bibliographic research with a case study, this paper analyzes the significance of the project in shaping a communicative culture that combats intersectional oppression, where*

<sup>1</sup> Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (DCOS/UFS), no curso de Jornalismo. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN). Integrante dos grupos de pesquisa VISU – Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais (UFRN/CNPq) e DesCom – Insurgências Decoloniais, Comunicação, Artes e Humanidades (UFRN/CNPq). E-mail: aliceandrade@live.com

*black women speak, are heard, and become protagonists of their own stories, challenging the social structures that have historically silenced them.*

**Keywords:** antiracist communication; black women; black feminism; resistance; Blogueiras Negras.

## Introdução

“A máscara vedando a boca do sujeito negro impede-a/o de revelar tais verdades, das quais o senhor branco quer ‘se desviar’, ‘manter à distância’ nas margens, invisíveis e quietas” (Kilomba, 2019, p.41-42). Ao longo da história, diversos foram os mecanismos de silenciamento impostos pela colonialidade branca às pessoas negras. A partir da citação de Kilomba (2019), com a qual abrimos este texto, é possível rememorar um dos instrumentos de violência utilizada para calar e oprimir mulheres negras. A história da escrava Anastacia, por exemplo, é marcada por uma máscara que lhe foi imposta como um instrumento de controle e violência que ocultava sua identidade, fala e emoções. A figura da máscara, ao longo do tempo, simbolicamente representa a experiência de muitas mulheres negras, especialmente no Brasil, onde o processo de escravização as violentou constantemente (Nascimento, 2019).

Esse silenciamento se perpetuou por séculos, deixando marcas profundas no DNA ancestral dessas mulheres, que carregam até hoje as cicatrizes de dor e opressão das muitas máscaras que ainda lhes são atribuídas na contemporaneidade. Lutar contra esse estigma tem sido um imperativo das várias gerações de mulheres negras que buscam reverter a narrativa histórica e reivindicar seus direitos e espaços de fala. Conforme Lélia Gonzalez (1984), as mulheres negras foram historicamente relegadas a um lugar de invisibilidade, necessitando constantemente lutar para se fazer ouvir e se posicionar. Gonzalez ressalta que a interseção do racismo e do sexismo impôs um duplo silenciamento a essas mulheres, tornando essencial a busca por vozes que desafiem essas estruturas opressivas.

Na contemporaneidade, alguns meios de comunicação digital, como os coletivos de mídia negra, apresentam discursos emancipatórios frequentemente interditados por lógicas algorítmicas racistas (Carrera; Carvalho, 2020; Noble, 2018). No entanto, ainda existem espaços na internet que se configuram como um campo fértil para as novas gerações de mulheres negras, cujo intuito é tomar a palavra e reconstruir suas próprias histórias. Nesse contexto, destaca-se o portal Blogueiras Negras<sup>2</sup>, um espaço colaborativo que permite que mulheres pretas e pardas compartilhem suas experiências, reflexões e conhecimentos, fortalecendo uma rede de apoio e empoderamento. Além disso, é um espaço para uma produção comunicativa que se posiciona diretamente contra o racismo, sexismo e as múltiplas opressões sofridas por esse grupo.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o projeto Blogueiras Negras como um espaço de tomada da narrativa para mulheres negras a partir da prática de uma comunicação antirracista baseada no aquilombamento e no feminismo negro. Partimos, portanto, da seguinte questão de pesquisa: De que maneira a comunicação antirracista promovida pelo Blogueiras Negras atua como uma ferramenta de empoderamento para mulheres negras, contribuindo para a ruptura de silêncios históricos e a tomada da palavra? O percurso metodológico incluirá a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso, visando compreender a relevância desse portal na

2 Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/>. Acesso em: 30 out. 2024.

luta contra o racismo e sexismo. Como referências centrais para esse debate, trazemos Lélia González (1984; 2018), bell hooks (2023), Grada Kilomba (2019), Patricia Hill Collins (2019), Joice Berth (2018) e Audre Lorde (2020).

## Doze anos de “blogagem”: o percurso do Blogueiras Negras

Segundo bell hooks (2023, p. 17), “embora muitas pessoas entre nós reconheçam a profundidade de nossas dores e feridas, nós não costumamos nos organizar coletivamente e de forma contínua para encontrar e compartilhar maneiras de nos curar”. Para fazer esse movimento e transformar as dores do silenciamento em ação direta e expressão, o projeto Blogueiras Negras nasceu da necessidade de fazer ecoar as vozes de mulheres negras e de distribuir a produção de textos que interseccionam as opressões de raça e gênero. Criado em novembro de 2012, a partir do evento “Blogagem Coletiva de Mulher Negra<sup>3</sup>”, foi idealizado por Charô Nunes, Larissa Santiago e outras colaboradoras com o objetivo de celebrar duas datas significativas: o Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro; e o Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher, em 25 de novembro. O sucesso da primeira ação permitiu formar uma comunidade ativa e engajada de blogueiras negras que desejavam escrever e construir em um espaço de visibilidade e resistência, como apontam Rodrigues e Freitas (2019, p. 76):

(...) O Blogueiras Negras surge em 2012, num momento do ativismo cuja perspectiva era mais jovem e de fortes interações por meio das plataformas digitais, com uma agenda política focada na estética, na identidade, na autoestima, no questionamento e na ruptura de padrões socialmente impostos.

Em março de 2013, o projeto se consolidou com a criação do site Blogueiras Negras, que rapidamente se tornou uma referência para mulheres negras e todas aquelas que se identificam com o feminismo e a luta antirracista. O portal se destaca pela produção regular de conteúdo, publicando textos originais de escritoras-blogueiras que abordam temas relevantes para a comunidade negra e para todos que compartilham dos ideais feministas e antirracistas. A diversidade de vozes e experiências é um dos pilares da plataforma, que, de acordo com a seção de apresentação do site<sup>4</sup>, conta com cerca de 200 autoras ativas que utilizam a escrita como uma ferramenta de luta contra diversas formas de opressão em uma perspectiva interseccional, como racismo, sexismo e homofobia.

Audre Lorde (2020) afirma que aquilo que é importante deve ser dito, compartilhado e verbalizado, pois os silêncios – impostos ou autoimpostos – não protegem mulheres negras ao longo de suas vidas. A plataforma Blogueiras Negras caminha nessa direção, pois incentiva a discussão sobre questões de negritude, feminismo e identidade e reconhece a importância da construção coletiva de narrativas que muitas vezes são silenciadas. Com uma abordagem que valoriza tanto o contexto *online* quanto o *offline*, o site se tornou um espaço importante para a resistência e empoderamento das mulheres negras, permitindo que suas histórias e lutas sejam ouvidas - e, especialmente, lidas. Na seção de missão do site do projeto, elas afirmam:

3 Disponível em: <https://blogagemcoletivamulhernegra.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 31 out. 2024.

4 Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

Nossa missão é promover a livre produção de conteúdo, partindo do princípio de que às mulheres negras sempre lhes foi negado lugares e discursos. Queremos dar visibilidade aos nossos assuntos e nos tornarmos protagonistas de nossas lutas e vidas (Blogueiras Negras, 2024).

A citação acima destaca a missão central do projeto, que é fundamental para a promoção da voz e da visibilidade das mulheres negras em um espaço historicamente marcado pelo silenciamento. Quando afirma que “sempre lhes foi negado lugares e discursos,” o coletivo reconhece as desigualdades estruturais que perpassam a sociedade brasileira. González (2018, p.309) reflete que o racismo e sexismo fundamentam-se em diferenças biológicas para se formularem enquanto ideologias dominantes que, para se manter, subalterniza e silencia o outro lado. A abordagem das Blogueiras Negras, além de empoderar as participantes e colaboradoras, também enfatiza a necessidade de se tornarem protagonistas de suas próprias narrativas, rompendo com essa subalternização histórica.

Além disso, por ser uma plataforma que permite a livre produção de conteúdo por mulheres, o Blogueiras Negras fortalece a identidade e a luta das mulheres negras, desafiando os padrões hegemônicos de comunicação. O projeto cria um espaço onde as autoras discutem suas subjetividades, experiências e questões com autonomia, contribuindo para o surgimento de uma comunicação antirracista, conforme discutiremos nos tópicos a seguir.

## Contribuições do feminismo negro para a comunicação antirracista

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como de refutar e criar uma contra hegemonia. Eu estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é único e valioso (hooks, 2000, p.15).

A citação acima, da escritora e pesquisadora bell hooks, sublinha a importância da perspectiva única das mulheres negras na luta feminista, reconhecendo o valor da marginalidade vivida por nós como um ponto estratégico para a crítica das estruturas de opressão. No contexto da comunicação antirracista, essa afirmação é sublinhada, pois o feminismo negro traz à tona uma abordagem que não apenas desafia o sexismo, mas também a intersecção das opressões raciais e de classe, propondo uma análise mais complexa das desigualdades (Ribeiro, 2018).

Por afirmar que as mulheres negras têm um papel central na criação de uma contra-hegemonia, hooks (2000) sugere que suas vozes, muitas vezes silenciadas nas narrativas dominantes, devem ser o centro da produção teórica e discursiva feminista. Esse posicionamento questiona a perspectiva eurocêntrica tradicional, muitas vezes presente nos discursos antirracistas e feministas hegemônicos, e propõe uma visão radicalmente transformadora que reconhece e valoriza as experiências específicas das mulheres negras, pois carregam uma sabedoria ancestral de resistência (hooks, 2000).

Na comunicação antirracista, isso implica em uma reconfiguração das formas de representação, permitindo que as mulheres negras não sejam apenas “objeto” sobre o que se fala, mas também protagonistas e produtoras de discursos que combatem a violência racial e sexista. Há uma ruptura com lógicas de silenciamento em que, nas palavras de Gonzalez (1984, p.225), “o lixo vai falar e numa boa”.

O feminismo negro oferece uma perspectiva crítica basilar para a comunicação antirracista ao evidenciar as interseccionalidades que permeiam as experiências de mulheres negras. O feminismo negro se propõe a desafiar as narrativas dominantes que frequentemente marginalizam ou silenciaram essas vozes, na medida em que propõe um entendimento mais profundo das relações entre raça, gênero e classe (Crenshaw, 1989). A abordagem interseccional, frequentemente proposta por feministas negras, permite uma análise mais completa das opressões enfrentadas por mulheres negras, destacando a necessidade de um ativismo que considere múltiplas dimensões.

Segundo González (1984), o lugar em que nos posicionamos influencia diretamente a forma como interpretamos o fenômeno duplo do racismo e do sexismo. Para a autora, o racismo é um sintoma que caracteriza a neurose cultural brasileira e, quando articulado com o sexismo, gera efeitos violentos, especialmente sobre as mulheres negras. Logo, a luta feminista precisa considerar uma abordagem que extrapole as demandas de gênero e considere a experiência de mulheres negras para que seja, de fato, emancipatório (Ribeiro, 2018).

Quando falamos sobre comunicação antirracista, uma das principais contribuições do feminismo negro é exatamente a ênfase na valorização das experiências vividas. Autoras já mencionadas neste texto, como bell hooks (2000) e Lélia González (1984) ressaltam que as histórias pessoais não são apenas relatos individuais, mas reflexos de lutas coletivas. A comunicação antirracista, por conseguinte, se torna uma plataforma para a afirmação de identidades, na qual mulheres negras podem compartilhar suas narrativas e subjetividades, desafiando estereótipos e preconceitos que perpetuam sua desumanização em uma perspectiva de construção de escrevivências (Evaristo, 2020).

Outra contribuição que podemos apontar é que o feminismo negro contribui para a desconstrução de estereótipos que limitam a representação de mulheres negras na mídia e na sociedade, interditando as lógicas de histórias únicas subalternizantes (Adichie, 2019). O movimento feminista negro critica as imagens e narrativas que perpetuam a hipersexualização ou a vitimização e propõe uma representação mais complexa dessas identidades, especialmente que sejam produzidas pelas próprias mulheres negras. Retira-se uma narrativa construída *sobre elas* e passa-se a narrar *a partir de si mesmas*, em experiências que são individuais e coletivas.

Outro aspecto importante é a criação de redes de solidariedade entre mulheres negras, um princípio fundamental do feminismo negro inspirado em lógicas de aquilombamento (Nascimento, 2019; Nascimento, 2021; Moura, 2020). Essas redes promovem a troca de experiências e incentivam a colaboração e o apoio mútuo. Na esfera digital, plataformas como o Blogueiras Negras, *corpus* empírico apontado neste trabalho, exemplificam como essas comunidades podem se organizar para amplificar suas vozes, reivindicações e escreverem as próprias narrativas sobre seus corpos e existências. Consideramos que operam por lógicas de aquilombamento a partir da perspectiva de pensadores negros como Beatriz Nascimento (2018), que afirma que os quilombos não existem apenas como territórios físicos, mas também como formas de resistência e modos de organização que incentivam as pessoas negras a se unirem e resistirem às opressões impostas pela sociedade.

Nascimento (2021) destaca que o conceito de quilombo transcende à materialidade do espaço físico e pode se manifestar como um elemento simbólico de proteção, preservação da identidade e afirmação da autonomia. Nesse sentido, podemos entender iniciativas como o Blogueiras Negras como um exemplo de quilombamento digital. Esse coletivo utiliza as ferramentas da internet e a escrita para criar um espaço seguro e de visibilidade para mulheres negras, onde compartilham experiências, se apoiam mutuamente e constroem narrativas contra a invisibilidade e a marginalização.

Consideramos aqui que o Blogueiras Negras é, portanto, uma forma contemporânea de quilombo, que reconstrói a ideia de resistência e solidariedade, agora em um ambiente digital, desafiando as estruturas de opressão e criando um espaço seguro para a afirmação da identidade negra na esfera virtual que reafirma o pensamento de Beatriz Nascimento:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo quando a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias de destruição (Nascimento, 2018, p. 7).

Assim, o feminismo negro e o quilombamento, além de enriquecerem a comunicação antirracista, também a fortalecem, fornecendo uma base teórica, vivencial e prática que valoriza as experiências de mulheres negras, em especial aquelas marcadas por questões interseccionais (Crenshaw, 1989). Essa interação é fundamental para a construção de um movimento que é, ao mesmo tempo, inclusivo, ancestral e transformador, refletindo a diversidade das lutas por justiça social, igualdade, reconhecimento de lugar de fala e tomada da palavra.

## A comunicação antirracista como ferramenta de empoderamento para mulheres negras

Para Patricia Hill Collins (2019), estereótipos são representações simplificadas e frequentemente distorcidas de grupos sociais, especialmente no contexto de raça e gênero. Eles servem para justificar desigualdades sociais, perpetuando visões limitadas sobre a identidade e as experiências das pessoas, particularmente das mulheres negras. Collins (2019) identifica que esses estereótipos apenas afetam a forma como os indivíduos são vistos pela sociedade e influenciam a maneira como se veem e se posicionam. Por desumanizar e marginalizar certos grupos, estereótipos reforçam hierarquias de poder e controle, tornando difícil para as pessoas afetadas desafiarem essas narrativas e reivindicarem suas identidades e direitos. Diante disso, é fundamental pensar caminhos que rompam com estereótipos e histórias únicas perigosas (Adichie, 2019).

Ao observar experiências como o Blogueiras Negras, percebemos que a comunicação antirracista se configura como uma poderosa ferramenta de empoderamento para mulheres negras e ruptura de estereótipos, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e suas experiências reconhecidas. Historicamente, enfrentamos múltiplas camadas de opressão que se interseccionam e recrudescem em uma sociedade estruturalmente racista e sexista. Nesse contexto, a

comunicação serve como meio de expressão, mas também como um ato de resistência contra sistemas de opressão que tentam impor silêncios.

A partir disso, a ideia de empoderamento surge como o processo em que mulheres reivindicam e alcançam o livre arbítrio, a liberdade de escolha e de posicionamento. Para Joice Berth (2018), o empoderamento é um processo que envolve a aquisição de poder e controle sobre a própria vida, permitindo que indivíduos ou grupos, especialmente aqueles socialmente marginalizados, reconheçam e reivindiquem seus direitos e identidades. Berth enfatiza que o empoderamento não é apenas uma questão individual, mas também coletiva, refletindo a necessidade de comunidades se unirem para lutar contra opressões sistêmicas.

“O empoderamento das mulheres implica, para nós, a libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal” (Sardenberg, 2009, p. 02). E, no caso das Blogueiras Negras, acrescentamos: o empoderamento envolve também a questão racial, o que diz respeito à autoestima e à segurança de quem (re)toma para si o direito à palavra historicamente negado. Nesse processo, o conteúdo produzido por essas mulheres se afina à ideia de uma comunicação que é antirracista, uma vez que esse conceito envolve o combate às múltiplas formas de opressão além da racial, como a violência de gênero.

O Blogueiras Negras é posto no meio digital como uma potente ferramenta de empoderamento para mulheres negras, especialmente no contexto em que Audre Lorde (1984) nos desafia a refletir sobre as opressões interseccionais que marcam a experiência das mulheres negras e pobres. Enquanto a teoria feminista branca muitas vezes ignora essas diferenças, tratando a luta das mulheres de forma homogênea, o Blogueiras Negras cria um espaço onde as especificidades da vivência negra e periférica são consideradas. O coletivo se propõe a romper com as narrativas excludentes do feminismo hegemônico, oferecendo um campo de resistência, reflexão e troca de saberes entre mulheres negras. Evocamos as palavras de Audre Lorde quando diz que:

Se a teoria de feministas americanas brancas não precisa lidar com as diferenças entre nós e a diferença resultante em nossas opressões, então como você lida com o fato de que mulheres que limpam suas casas e tomam conta de suas crianças enquanto você vai a conferências sobre teoria feminista são, na maior parte, mulheres pobres e mulheres negras? Qual é a teoria por trás do feminismo racista? (Lorde, 1984, p.27).

Em consonância com a crítica de Lorde sobre a desconexão das feministas brancas com as realidades das mulheres negras, o Blogueiras Negras se torna uma resposta a essa lacuna, proporcionando uma plataforma onde mulheres negras podem desafiar as estruturas racistas e sexistas, afirmar suas identidades e lutar por uma justiça que leve em conta suas especificidades e realidades. Assim, a iniciativa incentiva, a partir da produção comunicativa, a construção de uma prática feminista negra que questiona as hierarquias e opressões impostas pela sociedade e pela própria teoria feminista dominante.

Nesse sentido, Santos (2022) argumenta que as “narrativas da (re)existência” referem-se ao processo pelo qual as mulheres transformam as situações de violência que sofreram em ferramentas de resistência, utilizando essas experiências para combater o machismo, o racismo e o patriarcado, tanto nos ambientes de trabalho quanto nos núcleos familiares e na sociedade de forma geral. Assim, incluímos a produção do Blogueiras Negras dentro dessa lógica, reconhecendo-o como um espaço em que mulheres negras reconfiguram suas vivências de opressão em narrativas de resistência e fortalecimento.

Ao compartilharem suas histórias e lutas, as mulheres negras não apenas se afirmam, mas também inspiram outras a fazer o mesmo. A visibilidade é uma forma de resistência; ao ocupar espaços que historicamente foram negados, elas desafiam as narrativas dominantes e abrem caminho para novas discussões sobre raça e gênero.

Os estereótipos associados às mulheres negras têm raízes profundas na história, influenciando a forma como elas são percebidas e tratadas pela sociedade. Desde a época colonial, as mulheres negras foram frequentemente reduzidas a imagens que desumanizavam suas experiências e suas identidades. Estereótipos como o da “mãe preta”, que as retrata como cuidadoras submissas, ou da “mulata”, que sexualiza e desvaloriza, têm servido para justificar sua marginalização e opressão (González, 1984). Esses estereótipos moldaram a visão pública e impactaram profundamente a autoestima e a percepção que essas mulheres têm de si mesmas, contribuindo para um ciclo de silenciamento e autosilenciamento.

O silenciamento imposto às mulheres negras é uma consequência direta desses estereótipos. Ao serem tratadas como figuras unidimensionais, suas histórias e lutas foram frequentemente ignoradas ou desconsideradas. Esse apagamento sistemático dificultou a construção de uma narrativa própria, fazendo com que suas vozes fossem relegadas ao fundo da esfera pública. Para Ribeiro (2018), a opressão histórica não se limitou a condições sociais e econômicas, mas se estendeu à esfera comunicativa, onde as mulheres negras foram privadas da oportunidade de expressar suas realidades e reivindicações. Através da escrita, elas podem se afirmar, reescrever suas histórias e lutar contra a invisibilidade que as cercou por tanto tempo.

A atuação do Blogueiras Negras exemplifica como as perspectivas da comunicação antirracista, empoderamento (Berth, 2018), aquilombamento (Nascimento, 2018; 2021) e narrativas da (re)existência (Santos, 2022) podem servir como um ato de resistência e transformação social. O processo de tomar posse da visibilidade, da palavra e da expressão incentiva a questionar as narrativas dominantes ao mesmo tempo em que constrói uma nova forma de diálogo que valoriza a experiência das mulheres negras. Tem-se a comunicação como uma ferramenta essencial para a luta contínua por igualdade e reconhecimento, permitindo que mulheres negras sejam vistas, ouvidas e lidas em toda sua diversidade e complexidade.

## Considerações finais

As discussões apresentadas neste artigo destacam a relevância da comunicação antirracista e do feminismo negro como ferramentas essenciais para o empoderamento das mulheres negras. Elas têm ampliado as lutas sociais e se apropriado das plataformas digitais como espaços estratégicos onde compartilham suas experiências e desafiam as narrativas hegemônicas que frequentemente as desumanizam. O portal Blogueiras Negras se destaca como um exemplo concreto de como a comunicação pode ser instrumentalizada para a luta antirracista, criando um ambiente onde suas palavras podem ser lidas.

Importante ressaltar que a comunicação antirracista não deve ser entendida como um processo pontual, mas como uma prática contínua e coletiva. Por se unirem em torno de suas narrativas, as mulheres negras exercem o direito de falar e constroem uma voz coletiva que ecoa além das experiências individuais, refletindo uma luta conjunta contra o racismo e outras

formas de opressão. A interatividade proporcionada pelas redes sociais permite um ativismo mais colaborativo e dinâmico, no qual as mulheres negras podem formar comunidades de apoio mútuo e solidariedade.

Esse ambiente de troca de experiências e saberes é significativo para o fortalecimento de uma identidade coletiva que sustenta a luta antirracista, antisexista e propicia um espaço seguro para que as mulheres se sintam parte de um movimento mais amplo, inspirado no aquilombamento enquanto prática de resistência negra (Nascimento, 2019; Nascimento, 2021).

A análise das dinâmicas de comunicação antirracista revela, no entanto, que, embora as redes sociais ofereçam novas possibilidades de visibilidade, elas também impõem desafios consideráveis, como o racismo algorítmico. Afinal, “os sistemas algorítmicos tomam decisões por nós e sobre nós com frequência cada vez maior” (Silva, 2020, p.123). Conforme discutido, os algoritmos presentes nas plataformas digitais frequentemente replicam preconceitos históricos, restringindo o alcance das vozes de mulheres negras e perpetuando desigualdades. Essa realidade sublinha a necessidade urgente de um ativismo antirracista que questione e combata as estruturas tecnológicas que reforçam a marginalização e o silenciamento (Carrera; Carvalho, 2020; Noble, 2018).

Ao analisar o papel do Blogueiras Negras nesse cenário, é possível concluir que o empoderamento proporcionado por essa plataforma vai além da visibilidade, abrangendo também a mobilização para enfrentamento dos silêncios (Lorde, 2020). As *blogueiras* compartilham vivências, se tornam agentes de transformação em suas próprias histórias e desafiam normas sociais e políticas que perpetuam as desigualdades. O Blogueiras Negras se configura, por conseguinte, como um espaço seguro onde as mulheres negras podem se expressar livremente, fortalecendo uma identidade coletiva que se opõe às opressões interseccionais.

Quando Sueli Carneiro (2003, p. 118) nos convida a “enegrecer o feminismo”, busca engendrar um debate que visibilize a perspectiva feminista negra e traga as mulheres pretas e pardas para o centro do debate político. Para a construção de um feminismo efetivo e transformador, é fundamental que elas se reconheçam como protagonistas de sua própria história, algo que ressoa com as práticas observadas no Blogueiras Negras.

Em consonância com o pensamento de Carneiro (2003), esse movimento se fortalece na medida em que as mulheres negras, ao tomarem a palavra, denunciam as violências sofridas e ressignificam suas próprias experiências, construindo narrativas de si. Nesse sentido, o feminismo negro e a comunicação antirracista, como exposto no artigo, não se limitam a uma busca por visibilidade, mas visam a transformação social por meio da criação de novas formas de subjetividade e pertencimento, desafiando as estruturas patriarcais, racistas e classistas que ainda estruturam a sociedade.

O desafio que se coloca, portanto, é expandir esse modelo de resistência e visibilidade para que, no futuro, ainda mais mulheres negras possam ocupar espaços de expressão, visto que o movimento da fala também é uma forma de liberdade. O exercício desenvolvido no Blogueiras Negras lembra González (1984, p. 225), quando afirma: “exatamente porque temos sido falados, infantilizados (*infans*, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala”. Com a escrita de mulheres negras nos espaços digitais, temos mais um movimento de tomada da palavra em curso. A máscara de Anastácia cada vez mais é enterrada no solo da nossa história.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BLOGUEIRAS NEGRAS. *Quem somos*. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 31 out. 2024.
- CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, São Paulo, n. 17, p. 117-132, 2003.
- CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. *Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais*. Revista Galaxia, São Paulo, v. 43, p. 99-114, jan.-abr. 2020.
- COLLINS, Patricia. Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum, v. 14, 1989.
- EVARISTO, Conceição. A escriturização e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escriturização: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. P.27-46.
- GONZALEZ, Lélia. *Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras*. São Paulo: UCPA Editora, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- hooks, bell. *Feminist theory: from margin to center*. South End Press, 2000.
- hooks, bell. *Irmãs do inhamé: mulheres negras e autorrecuperação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. *Irmã Outsider: Ensaio e Conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LORDE, Audre. The Master's Tools will never dismantle the Master's House. In: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 25-28.
- MOURA, Clóvis. *Quilombos: resistência ao escravismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Org.: Alex Ratts. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NOBLE, S. U. *Algorithms of Oppression: how search engines reinforce racism*. NYU Press, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Gonçalves Viviane. As vozes de mulheres negras em três tempos. P. 75-91. In: CORRÊA, Laura Guimarães (Org.). *Vozes negras em comunicação: mídias, racismos, resistências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SANTOS, Jadeanny Arruda Silva dos. *Narrativas da (re)existência: um estudo sobre a violência de gênero contra jornalistas nas redações de Natal (RN)*. 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022. Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Furtado Veloso.
- SARDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando "Empoderamento" na perspectiva feminista*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.
- SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio. *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos*, p.121-135, 2020.